

KASPAR HAUSER E SEUS GESTOS DE INTERPRETAÇÃO EM RELAÇÃO AO MUNDO

Vânia Aparecida Acorci Bighetti*

RESUMO

Nosso objeto de análise é a história da vida de Kaspar Hauser contada no cinema por Werner Herzog. Faremos uma análise de alguns aspectos retratados neste filme como a relação entre linguagem, realidade, percepção e significação, tendo como base teórica a obra de E. Orlandi em Análise de Discurso(1999)

PALAVRAS-CHAVE: *discurso; sujeito; significação; linguagem; ideologia; história.*

ABSTRACT

Our object of analysis is Kaspar Hauser's life story told in the movie by Werner Herzog. We will analyze some aspects shown in this film such as the relation between language, reality, perception and meaning, being theoretically based on E. Orlandi's work discourse analysis. (1999).

KEY WORDS: *discourse, subject, meaning, language, ideology, history.*

INTRODUÇÃO

Que sujeito é este? Que mistério envolveu sua vida e sua morte? Essas perguntas justificam o título brasileiro "O enigma de Kaspar Hauser" dado ao filme alemão que tem como título original "Jeder für sich und Gott gegen alle"¹.

Uma história enigmática, que foi e é considerada por muitos autores um suspense criminal, um caso discutido sob o ponto de vista criminalista. Entretanto, Herzog a apresenta como sendo uma forte crítica à sociedade capitalista alemã através do personagem de Kaspar Hauser, que foi prisioneiro num porão escuro até os 18 anos sem nenhum contato com outros seres humanos. O filme inicia quando Kaspar Hauser é abandonado por um desconhecido nas ruas de Nurembergue em 1828, com uma carta na qual há poucas referências à sua misteriosa origem. O rapaz, por estar destituído de linguagem, vê-se absolutamente perdido em um mundo complexo. Kaspar passa alguns anos na casa do criminalista Feuerbach e se sente um estranho, atônito às coisas que o cercam: tudo lhe é assustador e desproporcional. Mesmo depois que passa a conhecer o mundo pela linguagem, por

*Mestranda em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Professora de Língua Inglesa na Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Coordenadora da WEB Centro de Idiomas.

¹ Cada um por si, Deus contra todos

signos lingüísticos, ainda se sente confuso e com o olhar perdido, talvez porque, segundo Izidoro Blikstein (1995),... “a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação lingüística com que o recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade.”

Qual é, portanto, o papel da linguagem sobre o pensamento e a cognição?

Kaspar escreve suas memórias. No entanto, esse foi um projeto que não terminou, pois sofre uma tentativa de assassinato logo após ter começado a escrever. Sobrevive ao ataque, mas em 1833 é esfaqueado por um estranho num parque e morre três dias mais tarde. O crime nunca foi esclarecido. Há rumores que Kaspar tenha sido mantido preso porque era um empecilho na possível sucessão para o estado de Baden. Quando a notícia da publicação de suas memórias tornou-se pública, foi necessário silenciá-lo no caso de sua história revelar algo. No entanto, suas memórias não acrescentaram muito além de noções confusas. Notamos que o diretor deste filme, Werner Herzog, o trabalha sempre no sentido social. Ele faz duras críticas à sociedade capitalista alemã no decorrer de todo o filme, seja através da figura dos funcionários públicos, colocando-os em ridículas funções de meros repetidores, ou dos burocratas, em papéis de hipócritas. Mesmo a morte de Kaspar é vista sob a questão social. O nome de quem o matou não interessa a Herzog que deixa claro ter sido a própria sociedade que o matou, portanto todos nós. Herzog, coloca vários momentos em que Kaspar não compartilha da sociedade, não se integra. A sociedade o discrimina e ele sente que não é aceito e isto é a morte.

QUADRO TEÓRICO

A obra *Análise de Discurso* de Eni P. Orlandi apresenta os procedimentos analíticos para uma reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. Deixa o leitor consciente de como o simbólico e o político interferem nas maneiras de produzir sentidos e influenciam o sujeito discursivo pois, ao dizer, nos significamos, e significamos o próprio mundo ao mesmo tempo. Por isso a linguagem é considerada uma prática, pois pratica sentidos, intervém no real e o sentido é história. O sujeito do discurso se faz pela história e é desse modo que o sujeito se constitui e o mundo se significa. A ideologia se materializa na linguagem e faz parte dela. É um mecanismo estruturante ao processo de significação e interpretação. O discurso estabiliza a ideologia, a história.

Faremos também alusão à noção de sujeito, sentido, linguagem e gestos de interpretação.

Quando se fala em sujeito na perspectiva da análise do discurso, entende-se que o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala, outras falas se dizem. Portanto, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, ele é interpelado pela ideologia. Como o sujeito

não é a origem absoluta de seu discurso, cada vez que ele fala, estabiliza aqueles discursos que o constituíram.

Para a análise do discurso, não existe um sentido *a priori*, mas um sentido que é construído e que, segundo Pêcheux, muda de acordo com a formação discursiva a que pertence (contexto histórico-social, interlocutores,...). O sujeito não é consciente de seu dizer e portanto somos seres assujeitados ideologicamente.

Outro conceito importante neste trabalho é o da linguagem, pois na perspectiva discursiva, a linguagem não é um mero instrumento de comunicação ou transmissão de informação, mas sim, de interação, um modo de ação social. É onde se dá o confronto do ideológico com toda a complexidade da significação. Quando dizemos discurso, nos referimos ao efeito de sentido construído no processo de interlocução (o processo de interação entre indivíduos através da linguagem verbal ou não-verbal). A linguagem não é portanto transparente, o sentido não está lá, o que existe são gestos de interpretação e é isso que produz efeitos de sentido.

Não podemos, também, deixar de considerar o conceito de interpretação, isto é "dar" sentido, construir sítios de significância. É neste sentido que se faz presente a ideologia e a história pois, para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha. A interpretação não é um simples gesto de decodificação, de apreensão do sentido. O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável, ele historiciza seu dizer. A interpretação é constitutiva da língua, do sujeito e do sentido ou seja, a interpretação os constitui.

E. Orlandi em *Interpretação* (1996) faz uma distinção entre a relação com a interpretação para o sujeito de hoje e o sujeito da Idade Média. As formas-sujeito históricas são diferentes porque a relação com a interpretação é diferente. Por isso o assujeitamento, para o sujeito medieval, se dá pela determinação enquanto o assujeitamento para o sujeito moderno se dá pela interpelação. A determinação se exerce de fora para dentro e é religiosa; a interpelação faz intervir o direito, a lógica, a identificação. A interpelação se constitui de uma dupla determinação contraditória: o sujeito é determinado e determina; é ao mesmo tempo livre e submisso.

Faz se necessário pensar a relação do sujeito com a linguagem como parte da relação do sujeito com o mundo, em termos sociais e políticos. Segundo E. Orlandi, em relação à determinação do sujeito religioso e à interpelação do sujeito moderno, a submissão



do homem a Deus cede lugar à sua submissão ao Estado.

O sujeito religioso não interpreta, ele repete a interpretação que lhe é dada. Ele está preso à letra. Não há um espaço de interpretação, não há espaço entre ele e o dizer.

Quanto à questão da determinação do sentido e do espaço da interpretação, o sujeito, que na determinação religiosa dependia de Deus, no século XVIII, passa a depender da transparência da língua. Ele é seu intérprete.

ANÁLISE DOS DADOS

Retomemos o título original do filme *“Jeder für sich und Gott gegen alle”*, “Cada um por si, Deus contra todos”. Podemos perceber como Werner Herzog critica a religiosidade já a partir do título do filme, nos confundindo, nos fazendo dar um sentido novo a este dito popular pois substitui “Deus *por* todos” por “Deus *contra* todos”. Sempre tomamos como pressuposto que ditos populares são irrefutáveis, mas Herzog nos coloca, logo de início, este enigma que revela indícios sobre seus conceitos quanto à questões religiosas.

Da mesma forma, ao longo do filme, notamos críticas ao sistema religioso. Kaspar admitiu nunca ter sentido a presença de Deus em seu cativeiro quando indagado pelos membros religiosos, mesmo quando insistiram para que ele o fizesse. A religião não fazia parte de sua vida de isolamento. Somente passou a ter contato com o assunto em sua vida adulta, após ter adquirido a língua. Mas não conseguia entender os princípios da religião e Herzog demonstra a incoerência da religião na vida de Kaspar mostrando como a religião lhe é imposta pela civilização por interesse do Estado.

Kaspar não estava preparado para viver na civilização. Não se adaptou à comunidade e por isso foi morto, por não se adequar a esta civilização imposta a ele. Segundo Sigmund Freud, em *O mal-estar da civilização*, a liberdade do indivíduo não constituiu um dom da civilização. O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja à estas restrições. Kaspar tinha seus instintos, não estava preparado para uma civilização que restringia os instintos, assim como não conhecia “sentimento de culpa”, assunto também retratado por Freud em sua obra.

Exemplos não faltam quando fazemos uma análise de como se constituem os sentidos no sujeito afetado pela história. A cena em que Kaspar foge da igreja assustado é um bom exemplo de como ele não foi constituído pelo nosso discurso, não se localiza nele, assim como não nos localizamos no dele. Ele não consegue captar o mundo como um indivíduo normalmente o faz. Deduzimos, então, que seu sistema perceptual não tem uma prática social (práxis), não foi constituído discursivamente.

Ele esteve isolado desde o nascimento até a maturidade de qualquer contexto discursivo ou prática social: portanto sem discurso não há significação. A ausên-

cia da fala influenciou na percepção da realidade, na orientação do mundo e no pensamento. Ele interpreta o mundo de modo diferente daquele que a sociedade o interpreta, ele enxerga o mundo de maneira diferente devido à sua história. Sua linguagem é reflexo disso pois não temos noção do que acontece no subconsciente. Mais uma vez, Herzog critica a religiosidade pelos atos de Kaspar, que não foi interpelado pelo discurso. Ele é ali um estrangeiro, faz gestos de interpretação diferentes que são interpretados pela sociedade também de uma maneira diferente. É encontrado sozinho na praça imóvel com um chapéu em uma das mãos e a carta na outra. Ele não sabe se mexer sozinho, aonde o colocam, ele fica, por isso ficou por muito tempo naquela posição. Os outros o interpretaram como maluco quando recusou dizer seu nome, quando não aceitou o alimento para comer ou quando não demonstrou medo diante da ameaça com fogo ou com a espada. O fato é que ele não conhecia o mundo e por isso foi colocado na marginalidade, sendo preso com vagabundos e bagunceiros. Somente depois da linguagem ensinada pelas crianças e pela família humilde, começa a construir sua história. Kaspar passou por um árduo processo civilizatório, que lhe proporcionou um tipo de interpelação cultural. Mesmo assim lhe foi muito difícil interpretar o ambiente que o cercava, conforme lhe queriam impor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirado por uma história verdadeira, Werner Herzog cria um inesquecível clássico do Cinema Novo Alemão (dominante na República Federal da Alemanha 1965 – 1982) manifestando sua crítica em relação a questões religiosas, fazendo alusão ao fracasso de ideais e convenções sociais. Faz perguntas certas e deixa as respostas por nossa conta. O filme é atravessado por vários discursos; históricos, políticos, religiosos e ideológicos, dependendo do falante e sua intenção discursiva. O fato é que, em se tratando de discurso, não há neutralidade.

Tudo isso nos leva a questionar até que ponto a linguagem nos permite conhecer o real e o que supomos ser a realidade não é mais do que o resultado de nossa percepção cultural, determinada pelo discurso, que previamente condiciona a percepção. Como entraríamos em contato com o real sem recursos de práticas culturais e de linguagem?

Segundo E. Orlandi, o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. O sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. As palavras simples do dia a dia já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram mas que significam em nós e para nós. A língua só faz sentido porque se inscreve na história.

Conhecemos, dessa forma, através da enigmática figura de Kaspar Hauser, um pequeno exemplo de como todo sujeito é constituído de uma ideologia, se faz pela história e como essa história influencia sua percepção de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLIKSTEIN, Izidoro.(1995). *Kaspar Hauser, ou A Fabricação da Realidade*. 4ª ed. São Paulo. Ed.Cultrix.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª ed. Campinas, S.P. editora da Unicamp (Coleção Pesquisas).
- FREUD, Sigmund.(1930) *O mal-estar na civilização*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro. Imago, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli.(1999). *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, S.P. Pontes.
- ORLANDI, Eni Puccinelli.(1998). *Identidade Lingüística Escolar* in *Lingua(gem) e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado/ Inês Signorini (org.)*. Campinas. S.P.. Mercado de Letras:S.P.: Fapesp.
- ORLANDI, Eni Puccinelli.(1996). *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*.2ª ed. Petrópolis, R.J. Editora vozes.